

HOBBS E A DISTINÇÃO REAL

José Edelberto Araújo de Oliveira¹

RESUMO: Este artigo discute a questão da universalidade contida na filosofia corpuscular de Thomas Hobbes, enfocando o caráter de tudo o que existe como individual e real.

PALAVRAS-CHAVE: Entes Metafísicos; Filosofia; Individuação; Matéria; Substância.

ABSTRACT: This article discusses the universal in the corpuscular philosophy of Thomas Hobbes, focusing on the character of all that exists as individual and real.

KEYWORDS: Accidents of Matter; Philosophy; Principle of Individuation; Metaphysical Entities; Subs Form.

Ele é como árvore plantada junto a riachos:
dá seu fruto no tempo devido e suas folhas nunca
murcham;
tudo o que ele faz é bem sucedido.
Salmos, 1, 3

Entre a exposição do movimento da luz em *A short tract on first principles* (2006, 251-305) e o *Leviatã*, a admissão da noção de “espécies inteligíveis”² é abandonada. Mesmo na ocorrência de alguma controvérsia sobre a autenticidade da primeira obra citada,³ não há como excluí-la do círculo intelectual integrado por Thomas Hobbes, o que permite traçar uma dissociação por parte do autor dos fundamentos metafísicos escolásticos ante uma filosofia natural matematizada.⁴ A dissociação que a recusa da noção de espécies inteligíveis marca é uma mudança de prisma reflexivo: a investigação sobre aquilo que é próprio do objeto dá lugar ao que é/ou está no sujeito. Abandonar de todo um nexos causal entre o que se passa no discurso mental e aquilo que pode ser captado pelos órgãos sensoriais é migrar da arguição ontológica para as inferências gnosiológicas. Tal inflexão condiz com a caracterização do método (*method*)⁵ da ciência natural (*natural science*) (Cf. *Leviatã*, IV, 46, § 11: 668 (463-464) hobbesiana como a computação (*computation*)⁶ de interioridades providas de demonstração.⁷

Assim, a ciência de Hobbes parte do resultado de um processo físico que unifica homem e mundo no sentido de uma operação da mente capaz de aparentar um objeto qualquer; aquilo que também é designado como a representação⁸ do mundo na ótica de quem pensa, em contraste com o próprio mundo identificado nos objetos. Quando o autor expõe a sua classificação para pensamentos (Cf. *Leviatã*, I, 1, § 1: 1 [31]), sem

o menor embaraço, o tipo de pensamento, isolado ou em cadeia, não precariza a máxima: perante tudo a ser tratado, qualquer coisa dita será expressa sempre sobre a representação e não dos objetos em si. Pelo prisma do dado sensorial, o homem somente conhece a aparência das coisas.

Embora os sentidos humanos sejam afetados por aquilo que está fora dos indivíduos, Hobbes não se detém na exterioridade dos objetos em si, mas faz ciência com as aparências, vai no encaixo do “[...] conhecimento necessário para um filósofo, isto é, para aquele que pretende raciocinar”⁹ Opta por atribuir aos conteúdos mentais uma anterioridade às palavras¹⁰ e relaciona toda a sua doutrina de matéria e movimento com as operações da mente (*operations of the mind*).

O exame do terceiro capítulo do *Leviatã*, por exemplo, confere ao discurso mental (*mental discourse*) uma precedência em relação ao discurso em palavras (*discourse in words*), assim, o equívoco – ou mesmo contradição – sugere a inadequação, um abuso de linguagem (*they [words] are abused*) da escolha de certas palavras para exprimir algo inicialmente pensado. Investigar a interioridade dos indivíduos – no plano da noção de operações da mente – e a exterioridade dos objetos em si é também compreender, para ser fiel às palavras hobbesianas, as soluções dadas para o que procede de um determinismo cinemático corpuscular do mundo físico em concomitância com as abstrações das “consequências dos acidentes dos corpos políticos”¹¹

No momento em que compatibiliza o medo com a liberdade ou a liberdade com a necessidade (Cf. *Leviatã*, II, 21), Hobbes, claramente, identificava a falha dos pensadores anteriores a ele como relacionada à falta de rigor científico; algo diametralmente

diverso da tradição dos comentários¹² que o relaciona à eloquente *ars rethorica* na resolução dos problemas humanos com as questões da filosofia da natureza.

Ora, apesar disso tudo, quando da exposição da sua teoria dos nomes, a pena do autor indica instalações mentais das manifestações particulares de componentes das coisas como inseparáveis delas, moldando um composto de noções absolutas expresso pela linguagem. Parece que Hobbes debruça-se sobre o princípio racional que faz com que algo seja a sua entidade, ou seja, dentro de uma via escolástica, leva a crer que se volta para o *principium individui* dos entes singulares.

Mesmo confessadamente avesso ao que seus contemporâneos designavam como metafísica de Aristóteles, Hobbes se concentra no tema do princípio racional que identifica cada ente singular sem considerá-lo de compreensão “sobrenatural” (*Leviatã*, IV, 46, § 14: 671 [465]), ou seja, aborda este tema tomista por excelência sem desenvolvê-lo no interior das disputas teológicas – com questões sobre a individualidade das pessoas da Trindade cristã, por exemplo. Sobre esta metafísica, ele esclarece:

Há uma certa *philosophia prima*, da qual todas as outras filosofias devem depender, e que consiste principalmente em limitar adequadamente as significações daquelas apelações ou nomes que são de todo os mais universais, limitações essas que servem para evitar ambiguidade e equívocos no raciocínio, e são comumente chamadas definições, tais como as definições de corpo, tempo, espaço, matéria, forma, essência, sujeito, substância, acidente, potência, ato, finito, infinito, quantidade, qualidade, movimento, ação, paixão e várias outras, necessárias à explicação das concepções do homem referentes à natureza e geração dos corpos. A explicação (isto é, o estabelecimento de sentido) destes e

de outros termos semelhantes é geralmente chamada nas escolas *metafísica*, como sendo uma parte da filosofia de Aristóteles [...]. E, na verdade, aquilo que lá está escrito está, na maior parte das vezes, tão longe da possibilidade de ser compreendido e tão contrário à razão natural que quem quer que pense que há algo para ser compreendido por ela, precisa considerá-la sobrenatural (*Leviatã*, IV, 46, § 14: 671 [465]).

Não necessariamente físico e no intento de um fundamento lógico, aquilo que torna um corpo singular é tratado como a possibilidade de começo de uma série de cálculos mentais e descartado como (i) uma essência material ou (ii) um acidente corpóreo. Este artigo integra uma pesquisa de doutoramento que argumenta favoravelmente acerca da similaridade destas posições hobbesianas quando confrontadas com o texto da *Disputatio V* de Francisco Suárez, o mais influente sistematizador da obra de Tomás de Aquino da geração quinhentista.¹³

Desde o medievo, o debate sobre o princípio racional que faz com que algo seja a sua entidade é uma questão metafísica conhecida como princípio da individuação. Dita de outro modo, a questão propõe esclarecer o que faz de um indivíduo um indivíduo e aquilo que o torna inconfundível com outro. No caso de Hobbes, o problema sempre revela como questão subjacente a relação entre a interioridade e a exterioridade do indivíduo, deste modo, a questão carrega condicionantes epistemológico traduzidos pelas seguintes interrogações: (i) como se conhece individualmente? (ii) qual(is) o(s) conhecimento(s) que diferencia(m) este daquele outro? Há também, no âmbito da temporalidade, a indagação: (iii) como reconhecer no curso do tempo um indivíduo que possa ter sofrido mudanças? A partir de

agora, *en passant*, este trabalho volta-se brevemente para alguns elementos destes pontos.

Embora haja quem invoque para Hobbes o desenvolvimento de uma ontologia alicerçada na matéria e no movimento,¹⁴ dada a curta duração do seu discurso sobre a individuação e a adequação do mesmo ao que pode ser concebido de um corpo, como ocorre na segunda parte do *De corpore*, o sistema do autor permite apenas lidar com o movimento corpuscular nos moldes de uma redução ao ontologicamente disponível na exterioridade dos objetos.

Sem a necessária articulação com os demais elos da interioridade do corpo humano (as noções de sentido¹⁵ e imaginação, por exemplo), o recurso da redução ao ontologicamente disponível parece conciliar diversos pontos próximos ou próprios de uma teoria metafísica do ser não desdobrada na forma de uma ontologia hobbesiana propriamente dita. Assim, o ponto de partida é a aceitação da movimentação corpórea como algo constitutivo da natureza própria das coisas. Esta condição está na gênese da ciência de Hobbes, não obstante a investigação seja iniciada¹⁶ na multiplicidade dos movimentos interiores do corpo humano decorrentes do contato físico com os corpos exteriores:

[...] a natureza opera por movimento [...]. O mundo (não quero dizer apenas a terra, que denomina aqueles que a amam homens mundanos, mas também o universo, isto é, toda a massa de todas as coisas que são) é corpóreo, isto é, corpo, e tem as dimensões de grandeza, a saber, comprimento, largura e profundidade; também qualquer parte do corpo é igualmente corpo e tem as mesmas dimensões, e conseqüentemente qualquer parte do

universo é corpo e aquilo que não é corpo não é parte do universo. E porque o universo é tudo, aquilo que não é parte dele é nada, e conseqüentemente está em nenhures (*Leviatã*, IV, 46, § 11 e 15: 668-672 [464-466]).

Fora da esfera das operações da mente, tudo o que há é corpo em movimento. Nestes termos, é carente de qualquer identidade e, por extensão, sem distinção real por absoluta impossibilidade de negação em si; algo sem pluralidade, sem elementos que possam ser separados e sem espécie alguma de diversidade.

Quando alguém *raciocina* nada mais faz do que conceber uma soma total [...]. Em suma, seja em que matéria for que houver lugar para *adição* e para *subtração*, há também lugar para a *razão*, e onde aquelas não tiverem o seu lugar, também a razão nada tem a fazer (*Leviatã*, I, 5, § 1: 34 [51])

Por conseguinte, aquilo que a linguagem versa para o exterior do homem apenas expressa – *a posteriori* – o fluxo mental contingenciado pela computação das representações. A distinção hobbesiana é o que pode ser dito diferente¹⁷ durante o raciocínio, ou seja, mediante somas e subtrações, a coleta das aparências dos movimentos corpusculares externos ao corpo humano ordena uns em relação aos outros nos moldes de um discurso mental que antecede o discurso em palavras (cf. *Leviatã*, capítulo 2).

NOTAS

¹Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e aluno regular do Doutorado em Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sob orientação do Professor Doutor Márcio Augusto Damin Custódio. Endereço eletrônico: edelberto@hotmail.com

²“Intelligible species” (*Leviatã*, I, 1, § 5: 86 [32]). Todas as referências ao *Leviatã* obedecerão ao modelo “obra, parte, capítulo, parágrafo, página e, entre parênteses, página da tradução brasileira”, e dizem respeito à edição Molesworth. Para as citações em Português, cotejaram-se as edições mais recentes da Bibliografia. Neste artigo, quando das citações da obra de Hobbes, todos os grifos são do próprio autor, excetuando-se os casos especificamente detalhados.

³Sobre a controvérsia envolvendo a autenticidade de *A short tract on first principles* – descoberto em 1878 pelo editor Ferdinand Tönnies – ver: BRANDT, 1928; MALCOLM, 2002; SCHUHMANN, 1995; TUCK, 1988.

⁴Sobre o legado da ciência matematizada do século XVII, ver: GRANT, 1990.

⁵Hobbes define método como um instrumento de previsão dos efeitos daquilo que se segue ao presente por conta de uma rede causal: “[...] visto que costumamos entrelaçar em nossa mente coisas passadas com coisas presentes, o nome *futuro* serve para significar esse entrelaçamento” (*De corpore*, I, 2, 17 [23]). “O MÉTODO, portanto, no estudo da filosofia, é o caminho mais curto para descobrir os efeitos por suas causas conhecidas, ou das causas para os efeitos conhecidos” (*De corpore*, I, 6, 65 [60]). *Elements of Philosophy, the First Section, Concerning Body* é a tradução inglesa do *De corpore* latino supervisionada pelo próprio Hobbes. Todas as referências a esta obra obedecerão ao modelo “obra, parte, capítulo, página e, entre parênteses, quando houver, página da edição brasileira” e dizem também respeito à edição de Molesworth. Para as citações em Português, cotejou-se as edições mais recentes da Bibliografia.

⁶“Por RACIOCÍNIO entendo *computação*. Ora, computar é ou coletar a soma de muitas coisas que são adicionadas, ou saber o que resta quando uma coisa é retirada de outra. *Raciocinar*, portanto é o mesmo que *somar* ou *subtrair* [...]. De modo que todo raciocínio está compreendido nessas duas operações da mente, adição e subtração” (*De corpore*, I, 1: 3 [13]).

⁷Quando comenta o uso da linguagem, Hobbes emprega o termo “demonstrar” no sentido de “mostrar aos outros aquele conhecimento que atingimos” (*Leviatã*, I, 4, § 3: 19 [44]).

⁸A representação (ou a aparência) é o pensamento que surge isolado ou em série e possui a sua causa no movimento corpuscular externo ao corpo humano. (Cf. *Leviatã*, I, 1, § 1-4: 1-3 [31-32]).

⁹“And this is the knowledge required in a philosopher; that is to say, of him that pretends to reasoning.” (*Leviatã*, I, 9, § 1: 71 [81]).

¹⁰O exame do terceiro capítulo do *Leviatã* confere ao discurso mental (*mental discourse*) uma precedência em relação ao discurso em palavras (*discourse in words*). Dentro desta doutrina, o equívoco, a ambiguidade e a contradição ou paradoxo, por exemplo, sugerem a inadequação da escolha de certas palavras para exprimir algo inicialmente pensado.

¹¹“Consequences from the accidents of *politic* bodies; which is called POLITICS, and *CIVIL PHILOSOPHY*.” *Leviatã*, I, 9, § 1-4: 71-72 (82).

¹²Em *Hobbes’s Doctrine of Method*, de 1975, Weinberger defende que a doutrina do método hobbesiano consiste em uma nova retórica.

¹³No período designado como Século de Ouro pela historiografia (quando do apogeu de Espanha e Portugal), entre muitos, destacam-se os trabalhos de Teologia e Filosofia de Juan Luis Vives (1492-1540); Francisco de Vitória (1493-1546), autor de vários comentários sobre a *Summa* de Tomás de Aquino e estudos sobre as questões das relações Igreja-Estado e da colonização; Domingos de Sotro (1492-1560), autor do tratado de direito e moral *De justitia et jure*; Alonso de Castro (1495-1558); Melchor Cano (1509-1560), defensor da reforma da escolástica em *De locis theologicis*; Pedro Fonseca (1528-1599); Domingo Bannez (1528-1604), dominicano, o mais rígido dos tomista; Francisco Toletus (1532-1596); Luis de Molina (1535-1600), jesuíta, grande adversário de Bannez como defensor de um tomismo mais independente e autor de *Concordia*; Juan de Mariana (1536-1624); João de Santo Tomás (1589-1644), o qual fez uma síntese do tomismo em *Cursus philosophicus* e Gabriel Vázquez (1549-1604), comentador de Tomás de Aquino, autor de *Disputationes metaphysicæ* e contrário à distinção entre essência e existência.

¹⁴Sobre uma ontologia hobbesiana completamente definida como matéria em movimento, ver: BERNSTEIN, 1980.

¹⁵Respeitando-se a tradução que verteu o vocábulo *sense* como *sensação*, optou-se pela palavra *sentido* para o mesmo fim ao longo desta pesquisa.

¹⁶Hobbes sempre admite a percepção sensorial e a memória mitigada como início da investigação de sua ciência: “Portanto, o início do conhecimento são os fantasmas dos sentidos e da imaginação; e sabemos suficientemente bem, por natureza, que há tais fantasmas; mas saber por que existem, ou de que causas procedem, é tarefa do raciocínio [...]” (*De corpore*, I, 6, 66 [60]).

¹⁷Para Hobbes: “Agora, dois corpos são ditos diferentes um do outro quando algo pode ser dito de um deles e não pode ser dito sobre o outro ao mesmo tempo.” *De corpore*, II, 11, 132.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Howard R. Conatus, Hobbes, and the young Leibniz. *Studies in History and Philosophy of Science*, v. 2, n. 1, march 1980, Great Britain: Pergamon Press Ltd., p. 25-37.

HOBBS, Thomas. A short tract on first principles [Breve tratado sobre os primeiros princípios], *Scientiæ studia*, v. 4, n. 2, 2006, p. 251-305.

HOBBS, Thomas. *English Works*. London: W. Molesworth edition, 1843-1845.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Richard Tuck (org.). Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores, 10).

HOBBS, Thomas. *Leviathan*. Edited by Richard Tuck. New York: Cambridge University Press, 2007.

HOBBS, Thomas. *Leviathan: with selected variants from the Latin edition of 1668*. Edited, with Introduction and Notes by Edwin Curley. Indianapolis / Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1994.

HOBBS, Thomas. *Opera Philosophica quae Latine Scripsit*. London: W. Molesworth edition, 1839-1845.

HOBBS, Thomas. *Sobre o corpo: parte I: computação ou lógica*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005.

WEINBERGER, J. Hobbes's Doctrine of Method, *The American Political Science Review*, v. 69, n. 4, 1975, p. 1336-1353.

SUÁREZ, Francisco. *Metaphysical Disputation V: Individual Unity and Its Principle*. Milwaukee, Wisconsin, Marquette University Press, 1982.